

CORREIO NO MUNDO

Agência Brasil



Adolfo Curbelo Castellanos criticou o bloqueio energético

Embaixador de Cuba condena medidas de Trump na ilha

O embaixador de Cuba no Brasil, Adolfo Curbelo Castellanos, classifica o bloqueio econômico e energético dos EUA contra a ilha caribenha como uma “política genocida” que busca privar a população dos seus meios de subsistência. O representante do governo cubano recebeu a Agência Brasil na embaixada do país, em Brasília, para falar sobre o endurecimento do bloqueio econômico a ilha. O embargo já dura 66 anos, com as primeiras medidas adotadas logo após a Revolução Cubana, de 1959. “Sem energia, tudo fica comprometido. O que eles fizeram foi condenar o povo cubano ao extermínio. Um país como Cuba, que precisa de petróleo para gerar eletricidade, simplesmente não pode importá-lo no exercício de seu direito soberano”, afirmou Curbelo.

Soberania mundial foi violada

“A soberania do resto do mundo também foi violada pelos EUA, não apenas a de Cuba”, completou o embaixador Adolfo Curbelo.

No último 29 de janeiro, o presidente norte-americano Donald Trump editou nova Ordem Executiva classificando Cuba como uma ameaça incomum e extraordinária à segurança de Washington, citando, como justificativa, o alinhamento de Havana com Rússia, China e Irã.

Daniel Torok/ Casa Branca



Embaixador acusou Trump de cometer genocídio em Cuba

Tarifas embargam o país novamente

A decisão prevê a imposição de tarifas comerciais aos produtos de qualquer país que forneça ou venda petróleo a Cuba. A ameaça agravou crise energética do país, que dependia, até 2023, de derivados de petróleo para cerca de 80% da energia consumida, segundo a Agência Internacional de Energia. Em 5 de fevereiro, o presidente cubano Miguel Díaz-Canel denunciou a decisão de Trump como mais uma tentativa para derrotar a Revolução Cubana, que viria a instalar o primeiro governo comunista na América Latina, desafiando a política de Washington para o continente.

Trump acusado de cometer genocídio

Para o embaixador, a nova medida é um genocídio “porque priva o povo cubano de seus meios de subsistência. A economia de um país depende de energia. Sem energia, tudo fica comprometido. O que eles fizeram foi condenar o povo cubano ao extermínio. Acho que essas coisas precisam ser chamadas pelo nome”, disse.

Por Lucas Pordeus León (Agência Brasil)

Desaparecidos

Nove esquiadores estão desaparecidos após uma avalanche nas montanhas de Sierra Nevada, no norte da Califórnia, na terça-feira (17). A avalanche ocorreu às 11h30 locais (16h30 em Brasília), no Castle Peak, um dos mais populares picos da Floresta Nacional de Tahoe, segundo a polícia do condado de Nevada.

Nove esquiadores

“Pelo menos seis esquiadores sobreviveram à avalanche e permanecem no local aguardando o resgate”, afirma um comunicado. O local foi atingido por uma forte tempestade. As autoridades falaram em 16 pessoas no grupo, antes de revisar o número para 15. Com isso, o número de desaparecidos foi reduzido para nove.

Clima extremo

“Devido às condições climáticas extremas, a equipe de resgate demorou várias horas para alcançar os esquiadores e transportá-los para um local seguro, onde foram submetidos a uma avaliação médica”, afirmou a polícia. Os resgatados apresentaram ferimentos variados, e dois foram encaminhados a um hospital para tratamento.

Buscas continuam

“As buscas continuam, dependendo das condições climáticas”, acrescentou o texto. Se todos os nove esquiadores desaparecidos morrerem, o incidente estará entre as avalanches isoladas mais mortais já registradas nos Estados Unidos. O Centro de Informações sobre Avalanches do Colorado contabilizou seis mortes por avalanche nos EUA em 2026.

Avalanches mortais

Avalanches causaram uma média de 27 mortes por inverno nos Estados Unidos na última década, informou o centro. Um alerta de tempestade de inverno estava em vigor para grande parte do norte da Califórnia na terça (17), com previsão de neve intensa nas elevações mais altas de Sierra Nevada.

Falta de bom senso

“Não acho que foi uma escolha sensata”, disse o capitão policial Russell Greene, do condado de Nevada, sobre a decisão de uma empresa de turismo de esqui de levar clientes pagantes para o interior sob tais condições, acrescentando: “mas ainda não sabemos todos os detalhes”. Ele se recusou a nomear a empresa envolvida.



Israel seguirá os passos de seu principal aliado: os EUA

Israel entra em alerta máximo para risco de guerra com Irã

Hospitais já estão se preparando para eventuais ataques

Por Igor Gielow (Folhapress)

O governo de Israel determinou nesta quarta-feira (18) o alerta máximo de seus serviços de segurança interna e emergência para a eventualidade de uma guerra entre os Estados Unidos e o Irã. Não houve mobilização militar para participar do conflito, mas isso parece inevitável caso Donald Trump decida atacar.

O alerta, segundo múltiplos relatos na imprensa do país, inclui o Comando da Frente Interna e os serviços de ambulância e resgate a ele associados. Não houve um anúncio formal do governo de Benjamin Netanyahu, mas uma reunião de gabinete que estava marcada para o domingo (22) foi adiada.

Segundo a reportagem ouviu por mensagem de um cirurgião que trabalha no Centro Médico da Galiléia, perto da fronteira com o Líbano, o hospital subterrâneo da localidade já está de prontidão. A poucos quilômetros do vizinho, a região é alvo constante do Hezbollah quando há embates entre o grupo apoiado pelo Irã e Israel.

O grupo fundamentalista está enfraquecido após ter sido duramente castigado por Tel Aviv durante o conflito subsequente ao atentado dos terroristas do Hamas contra Israel em 2023, que levou à obliteração da Faixa de Gaza. Mas ainda retém capacidades.

Mais preocupante para os israelenses é a repetição da campanha de ataques com mísseis balísticos pelo Irã em caso de ser atacado. O

Estado judeu, maior aliado dos americanos no Oriente Médio e uma potência nuclear com 90 ogivas, é alvo óbvio de retaliações.

Quando Netanyahu atacou alvos do programa nuclear e forças militares do Irã, em junho passado, a teocracia lançou algo entre 500 e 600 mísseis contra Israel. Quase 90% deles foram abatidos, mas os que passaram mataram cerca de 30 pessoas e feriram outras 3.000.

Na mão contrária, a ação israelense matou cerca de 600 iranianos. Moradores de Tel Aviv e região relatam que já estão checando suas provisões e quartos blindados para o caso de a guerra estourar.

No ano passado, de todo modo, o Irã foi dominado militarmente nos ares por Israel. Não há indicação de que agora será diferente, mas parece correto assumir que a teocracia tenha mudado táticas e preparativos, ao menos para fins retaliatórios.

Há uma certeza universal de que Netanyahu irá entrar no conflito se Trump o fizer. O apoio militar é significativo: cerca de 300 caças estão à mão para incursões, aproximadamente o mesmo volume deste tipo de aeronave que os EUA terão mobilizadas quando seu segundo grupo de porta-aviões chegar à região.

Mas a defesa aérea do Estado judeu é motivo de preocupação dos moradores, porque foram usadas de forma intensiva contra os ataques de junho passado, e não houve tempo para repor os mísseis de interceptação do sistema com três camadas de proteção usado por Israel.